

ERICO VERISSIMO E FLORIANO CAMBARÁ:
MEMÓRIA E HISTÓRIA, EMBATES IDEOLÓGICOS E IDENTIDADES
PARTILHADAS

Ana Leticia Fauri

Department of Romance Languages and Literatures

University of Notre Dame, IN, USA

Resumo: No romance *O Tempo e o Vento*, Erico Verissimo narra a história da família Terra Cambará e da formação do Rio Grande do Sul, refletindo a sua preocupação em desmitificar uma narrativa marcada por heróis e sobreviventes. Dividida em três partes, a trilogia se aproxima e se distancia dos objetos e personagens focados, criando um mosaico que permite compreender as circunstâncias que marcaram não apenas a construção do romance, mas também a ideologia do seu autor e de seu *alter ego* Floriano Terra Cambará. Neste ensaio, discutem-se questões ligadas às relações entre memória e história, autor e narrador fictício, identidade, ideologia e engajamento, fazendo uso, em especial, do tomo “O Arquipélago”, bem como de documentos do seu Acervo Literário.

Palavras-chave: EricoVerissimo; O Arquipélago; memória; História; ideologia; *alter ego*.

Abstract: In the novel *O Tempo e o Vento*, Erico Verissimo creates a narrative that focuses on the story of the family Terra Cambará and the formation of Rio Grande do Sul, while demystifying the roles of historical and fictional heroes and survivors. Divided into three parts, the trilogy engages the readers with narrative movements that allow them to perceive its characters and plot from close by as well as from afar. This motion creates a mosaic that allows the reader to have a fuller picture of the circumstances that marked not only the structure of the novel, but also its author’s and *alter ego* Floriano Terra Cambará’s ideology. This essay discusses issues related to the relationship between memory and history, author and fictive narrator, identity and ideology, by analyzing in

particular the third part of the novel, "O Arquipélago", as well as documents from his Literary Archives.

Keywords: Erico Verissimo; O Arquipélago; memory; history; ideology; *alter ego*.

Erico Verissimo costumava afirmar que os seus romances consistiam num simulacro da imagem do mundo feito de pedaços de sua experiência ou da de outros, dos quais a elaboração ficcional retirava o caráter objetivo, fornecendo-lhes um novo corpo feito de palavras, imagens e sensações. Revelando, na sua estrutura, mais do que a expressão de uma dialética que envolve o homem consigo mesmo, os romances de Verissimo propõem igualmente um modo de pensar as relações desse homem com o seu entorno – num tempo e num espaço – e com os outros homens, sem deixar de lado as eventuais conexões entre o gênero literário e a ideologia do escritor. No caso de Verissimo, é fácil perceber a presença, de uma maneira ou de outra, do debate político e ideológico, seja em temáticas como as tratadas em *O Senhor Embaixador* e em *O Prisioneiro*, ou na caracterização de abordagens ideológicas, como as personificadas, por exemplo, na figura do *alter ego* Tônio Santiago, de *O Resto é Silêncio*, ou pelos três filhos do Dr. Rodrigo Terra Cambará, em *O Tempo e o Vento*. Esta é uma constante em diversos textos do autor e, de certo modo, resume o seu modo de envolver-se com o mundo e com as suas instituições, revelando a consciência que possui do papel do escritor no âmbito histórico e social. Pode-se, por exemplo, referir momentos como aquele em que Tônio Santiago, questionando-se sobre o que poderia fazer para ajudar às pessoas, além de “contar histórias”, reflete, de forma reticente:

Quisera ter fé religiosa ou acreditar firmemente em alguma doutrina política... Mas tinha uma incapacidade absoluta para se enquadrar em partidos ou seitas. Reconhecia, com certa má vontade, que era indispensável uma fé firme para realizar grandes coisas. Se ele tivesse essa fé num deus ou numa ideia, haveria de orientar seus livros no sentido dessa fé política ou religiosa, não porque achasse que a arte deve ter uma coloração sectária, mas porque reconhecia estar no mundo vivendo um momento excepcional em que a ninguém é lícito ficar indiferente (Verissimo, 1976: 169).

Dentre os muitos diálogos estabelecidos entre autor e obra, talvez um dos mais importantes se encontre justamente na identificação de Verissimo com os seus *alter ego*, Tônio Santiago e Floriano Cambará. Essa identidade entre escritor e figura ficcional permite que a estrutura narrativa de seus romances apresente evidentes relações com o que o escritor pensa a respeito da sociedade, criticando-a acerbamente através do que ele próprio denomina de um “corte transversal”. É essa mesma estrutura narrativa que lhe permite fazer um diagnóstico agudo da realidade social e dos posicionamentos políticos vigentes, seja através do ponto de vista do narrador, seja através de sua condição privilegiada de homem e escritor. Em uma entrevista concedida a Celito de Grandi e guardada em manuscrito até sua publicação, em 1996, Erico Verissimo, perguntado sobre como via a função declaradamente social ou de denúncia da literatura, responde:

Acredito [na função social, de denúncia da literatura], mas não acho que seja essa a única finalidade. Longe disso! Fala-se em literatura *engajada*. Ela sempre o é. O autor se engaja na luta política, partidária ou não, na luta religiosa... O escritor se engaja também com o Homem e seus problemas. Acima de tudo o escritor se engaja consigo mesmo. (...) Não vejo como um romancista que escreve sobre esses nossos tempos possa deixar de focar os problemas sociais e políticos que lhe estão saltando na cara, todos os dias (...) o que dói na cara dum vietnamita (...) dói também na nossa (Verissimo, 1997: 63).

Na projeção desse imenso painel da formação do Rio Grande do Sul que é *O Tempo e o Vento*, Erico, além de preocupar-se em desmitificar uma história marcada por vidas de heróis e sobreviventes, quer descrever o gaúcho na sua história e valores, buscando compreender a sua circunstância existencial, como indivíduo e sujeito de uma história em relação com outros sujeitos, bem como com os contextos que o envolvem no tempo e nas ideologias. Embora tenha consciência de que os símbolos criados pela sociedade tendem a ocultar as relações de poder a partir das quais são expostos, vinculando-se à manipulação ideológica, Erico Verissimo reconhece que “precisamos estar atentos ante os poderes e limitações dos símbolos”, pois “vivemos num ambiente formado e amplamente criado por influências semânticas até aqui sem paralelo” (ALEV 04a0049-sd).

A literatura que se produz no Rio Grande do Sul durante a vigência do movimento modernista não fica isenta das questões ligadas à tradição, em razão do caráter particular que assume no contexto histórico seja pela colonização parcial (o Rio Grande do Sul ficou

quase duzentos anos abandonado pelo poder central), pelo passado mitificado (o distanciamento em relação à metrópole deu ao homem do sul uma circunstância favorável para a criação de seus próprios mitos), ou pelos condicionamentos fronteiriços (circunstância que gerou os conflitos e as guerras e as suas naturais consequências). Para salientar a complexidade do tema, é interessante lembrar que Erico Verissimo, manifestando-se sobre a história do Rio Grande do Sul em seu livro de memórias, *Solo de Clarineta*, diz a certa altura que “a verdade sobre o passado do Rio Grande do Sul devia ser mais viva e mais bela do que a sua mitologia” (Verissimo, 1973: 289).

Ao estabelecer essas relações de parentesco entre história e mitologia, Verissimo insinua, que, de certo modo, os mitos são percebidos como mais “verdadeiros” – ou melhor, mais permanentes, porque parecem, ao olhar de quem os conta, mais “vivos e belos”. Mal comparando, talvez se possa dizer que, a exemplo da famosa imagem de Platão, no livro VII de *A República*, as pessoas, dentro de uma caverna iluminada pelo sol, veriam a vida como um espetáculo que consistiria de sombras de eventos reais. Erico Verissimo reitera a ideia de que a verdade encontra-se, de fato, fora da caverna. Quem se liberta dela vê a verdadeira realidade – e esse é o intento de seu projeto literário. Como afirma, “quanto mais examinava a nossa História, mais convencido ficava da necessidade de desmitificá-la” (Verissimo, 1973: 289).

O Tempo e o Vento, sabe-se, é pródigo tanto na difusão como na desmistificação de mitos. Embora o núcleo inicial do romance esteja fundado numa origem mítica (Zilberman, 2000: 25-44) em “O Continente”, o texto vai aos poucos dismantando esse caráter mágico para dar lugar a uma reflexão que desemboca na modernidade de 1945, em “O Arquipélago”, com o deslocamento de um núcleo central para a fragmentação moderna. Na representação dos fatos que narra, Erico Verissimo define, no seu modo de ver a realidade, não só o espaço que condiciona os eventos narrados, mas também dá qualidade à perspectiva ideológica do texto, valorizando-os. Embora situe “o leitor num tempo passado, (...) ajuda-o a entender os acontecimentos” através de um movimento que, a um só tempo, evidencia a representação da história, sem perder de vista um processo de crise e transformação advindo dessa leitura (Zilberman, 2003: 120). O romancista, ao invés de “recriar” a história, aponta os seus efeitos nas figuras humanas, que se oferecem de modo

revelador não apenas no que diz respeito à representação dessa história recontada, mas principalmente na vivificação de um passado.

O desejo a que se refere Erico Verissimo quanto ao fato de “querer construir outra cidade *ubi Troia fuit*” permite dizer que a Troia lendária e Santa Fé imaginária constituem duas cidades nas quais se manifesta um modo particular de ser no mundo. Troia é uma cidade onde ocorre um conflito cujas repercussões históricas e literárias sobrevivem ao tempo e às interpretações. Sua expressão, chegada até nós através da *Ilíada* e da *Odisseia*, de Homero, e da *Oresteia*, de Ésquilo, repercute modelarmente. Santa Fé, ao contrário de Troia, é cidade imaginária. Criada, ainda que discreta e “ilusoriamente” por Erico Verissimo, traz para a literatura e a história um modo de “ver o mundo” rio-grandense e brasileiro à sombra do modelo troiano, recuperando, de certo modo, alguns traços comuns com aquela cidade grega: seus mitos, conflitos, a corrupção do homem e a universalidade. Seja na leitura d`*A Ilíada*, o conflito entre Grécia e Troia, narrado de forma lendária e poética por Homero, seja na leitura de *O Tempo e o Vento*, o romance cíclico de Erico Verissimo, é possível a relação dessas duas obras por parentesco capaz de revelar não só identidades como também ideologias. É nessa aproximação que o romance *O Tempo e o Vento* e a epopeia de Homero se mostram mais intertextuais, quer no plano das relações de poder, quer nas relações entre a família e o Estado. Se Troia (e sua guerra) é o episódio mais importante ou complexo que sobreviveu na mitologia e nas lendas gregas, Santa Fé é também a que, por sua estrutura e complexidade, se torna metáfora modelar, estabelecendo espaços para a discussão política e ideológica da formação da sociedade gaúcha.

Embora muitos escritores brasileiros tenham-se aproveitado da matéria histórica para tingi-la de colorações literárias, os efeitos obtidos por Verissimo na criação de *O Tempo e o Vento* fogem desse paralelo. A primeira parte do romance toma como *leitmotiv* perspectivas míticas a que se associam as noções de espaço e de tempo primevos, que evocam a origem de toda uma estirpe. Por outro viés, esse ponto de partida se coloca a serviço de uma desconstrução, dando “novo sentido ao romance histórico brasileiro”, como afirma Regina Zilberman (2000: 34). Podem-se ressaltar elementos de *O Tempo e o Vento* comuns à tragédia e à epopeia, como as relações entre família e Estado (os Terra e a fundação de Santa-Fé, ou, mais adiante, os Terra Cambará e as relações de poder que

estabelecem em nível local, regional e nacional), aliadas à narração das disputas políticas marcadas por lutas e pelo sangue (o cerco ao Sobrado, a morte de Aurora, filha de Licurgo, as revoluções em que os Terra Cambará se envolvem até a sua ascensão social), e o fato de o romance estar centralizado na história de uma família, a partir da qual se desenrolam todas as ações.

O romance de Verissimo, no entanto, aproxima a sua lente do corte social que produz, integrando o grupo dos que ascendem socialmente aos que ficam alijados do poder, mas que, junto com os primeiros, se estabelecem numa relação de simbiose. Personagens como os Caré, Fandango, Luzia, ou mesmo a família Weber, de alemães músicos, que é destruída pela cobiça de Rodrigo Cambará, estão inseridas num processo que se origina no familiar, mas remete para o social. Mesmo a família Terra Cambará passa por um processo de ascensão social, ou seja, ainda que representem, ao fim do romance, os “donos” do poder, o início de sua história repete aquela dos que “não possuem voz”. Erico Verissimo valoriza o universo dos “esquecidos”, dos analfabetos, dos excluídos socialmente, bem como a sabedoria popular, presentes nos vários níveis narrativos trabalhados no romance, até o fim da história. No entanto, é quando enfoca as discussões sobre a liberação feminina, sobre o escravagismo e a política do país que o escritor deixa transparecer a sua “intenção” de enaltecer o valor desses saberes, assim como de valorizar o ser humano, independentemente de sua condição pessoal, social ou econômica. De certo modo, o escritor aponta para uma negação de aspectos dados *a priori*, remetendo para a importância de uma construção que questione o estabelecido, e reconheça o homem por detrás da máscara. Lucia Helena reconhece tal perspectiva, apontando que o centro da discussão em *O Tempo e o Vento* “é sobretudo ético: está no quanto podem ser nefastos, na postulação da nacionalidade e na existência do tecido social, o preconceito, a recusa de integrar o outro e a incapacidade de conviver com a diferença, sem reduzi-la, sem oprimi-la, nem idealizá-la” (Helena, 1996: 53). O processo de desenvolvimento social e econômico da família vai ao encontro da desagregação familiar, simbolizada não apenas pela decadência do Sobrado, ou pela corrupção de tipos humanos (ligados à família, tidos como “puros”, vide Ismália Caré, ou Toni Weber), mas igualmente pelo distanciamento do retrato pintado outrora por Don Pepe), em “O Retrato”, e pela imagem distorcida de Rodrigo Cambará na “vida real”.

O Tempo e o Vento remete a leitura para uma perspectiva da História, a do Rio Grande do Sul, num espaço físico contido em um tempo que se transforma em discurso literário, envolvendo personagens e acontecimentos que não deixam de lado ações marcadas pelo heroísmo, mas igualmente sofrem suas crises pessoais, frustrações e êxitos, como “seres comuns”.

Dividido em três partes, *O Tempo e o Vento* narra a formação histórica do Rio Grande do Sul através do foco dirigido à história da família Terra Cambará, traçando um paralelo entre a saga familiar e a formação do povo e do continente gaúcho do século XVIII ao XX. Vale-se da técnica do contraponto, recurso narrativo em que, ao modo da técnica já utilizada no romance *O Resto é Silêncio*, o leitor vai conhecendo a história a partir de enfoques diversos, de tal modo que variam não apenas as vozes que “contam” a história, mas também o espaço e o tempo em que ela está sendo narrada. São introduzidos personagens, planos e acontecimentos que, juntos, resolvem o problema do enredo, mas complexificam, por outro lado, a focalização. Ao privilegiar essa disposição literária, o narrador não pode fugir de uma certa atitude demiúrgica em relação aos eventos, às personagens, ao tempo e às situações retratadas, ao mesmo tempo em que pode se isentar de “optar” por uma visão de mundo ou outra. Sobre tal aspecto, comenta Maria da Glória Bordini que, com relação à escrita do romance, Erico Verissimo destacava tal gênero como aquele cuja narrativa estava mais apta a representar “a exterioridade ou a interioridade do homem, mostrando-o ativo ou inerte no tempo, governado por uma ou mais preocupações humanas [de modo a] oferecer um mundo ao leitor, para que nele este expanda sua consciência ou dele retire prazer (Bordini, 1995: 45; Cf. ALEV 04a0049-sd).

Em *O Tempo e o Vento*, Erico aproveita-se de tal perspectiva para dar vida a uma história que compara com uma espécie de obra de Frankenstein, um “monstro feito de pedaços de recordações, de velhas experiências, influências de leituras, lembranças de pessoas e coisas vistas” (ALEV 03a0911-1937). Talvez esteja em tal disposição a forma encontrada por Verissimo para dar voz às suas intenções narrativas. Utilizando-se da técnica do contraponto, os três tomos de *O Tempo e o Vento* proporcionam uma perspectiva da história que se centra no espelhamento de diversas situações, bem como de personagens

que, no desenrolar da história, como que “repetem” a estrutura formal do romance – um enredo que “acontece” ao mesmo tempo em que está sendo criado.

Constituindo-se na escrita de uma escrita, *a trilogia* parece metaforizar o próprio ciclo da vida, ao apresentar duplos de variada espécie como Pedro Missioneiro e Pedro Terra, o capitão Rodrigo Cambará e o doutor Rodrigo Cambará, Ana Terra e Bibiana Terra Cambará, Alice e Aurora Cambará (a filha de Alice, que nasce morta) e Alice e Aurora (a boneca de Alice) Cambará. Em todas essas repetições de nomes de personagens, pode-se refletir sobre o trabalho do autor, quando propõe para o seu leitor implícito a discussão acerca da identidade, tanto no que se apresenta como repetição – a possibilidade (ou impossibilidade?) de duplicação do “eu” em contextos diferentes –, como de um deslocamento desse “eu” que aparece e reaparece, num movimento de dispersão e renovação que se encarrega de unir as pontas da narrativa. Erico Verissimo sugere tanto a ruptura e a fragmentação do homem retratado, quanto o paradoxo de uma existência que repete não a si própria, mas a visão de mundo daquele que é representado na sua duplicidade. Ao mesmo tempo, remete para uma ideologia e uma existência que é posta à prova numa linguagem capaz de subverter a própria escrita, alertando para a indefinição de fronteiras não apenas de disciplinas e assuntos, mas também do próprio romance histórico criado. São apresentadas referências a títulos de capítulos com estrutura duplicada, como em “Um certo capitão Rodrigo” e “Um certo major Toríbio”, além de personagens que têm refletidos o mesmo estado de espírito, como Licurgo, Toríbio e Jango, homens da vida campeira da família Terra Cambará – aspecto que pode dar-se de modo diverso, quando a psicologia das personagens se mostra como contraponto uma da outra. Tal circunstância pode ser percebida entre Rodrigo e Toríbio Cambará, um doutor ligado aos aspectos hedonistas da vida, o outro vinculado à simplicidade da existência, e o mesmo acontecendo entre Jango, Eduardo e Floriano. Focalizando as três personagens, percebe-se que tal composição demonstra, de certa forma, as três vertentes escolhidas por Erico Verissimo para dar o tom de contemporaneidade ao romance. De um lado, o de Jango, fala-se do homem que está conectado ao campo e personifica o lado mais conservador da *psiché* gaúcha, de outro, o de Eduardo, evocam-se as fortes vertentes políticas de esquerda que se tornaram mais correntes no início do século XX. Apesar de opostos, isso aproxima ambos

daquele que se apercebe das contradições da vida e das ideologias em pauta nesse período, Floriano, o qual, numa mescla de dúvidas e de tentativas, busca encontrar e entender o ser humano – sua preocupação mais iminente.

Pode-se perceber no texto romanesco de Verissimo um diálogo entre instâncias pontuadas pelo homem, pelo escritor e por seus narradores, em que os ideais, crenças e valores do primeiro são transfiguradas nas falas do outro, como no caso da personagem-escritor Floriano, que se aproxima de Roque Bandeira, numa relação entre persona e *alter ego* fictícia, bem como entre Floriano e Erico Verissimo, quando se encontram *ego* e *alter ego*. Nessa “troca” entre as personagens, e entre elas e o autor, se estabelecem discussões que transitam, de um lado, pelas dificuldades de escrever um romance que trate, como *O Tempo e o Vento*, da história de uma família, mas que tenha por pano de fundo o panorama da formação do Rio Grande do Sul, e, de outro, pelas reflexões de cunho ideológico e político que perpassam a própria escrita do romance.

Ainda que o romance de Erico Verissimo esteja centrado na multiplicidade de vozes que compõem o mosaico no qual o autor assume a onisciência de um demiurgo, é à personagem representada por Floriano que cabe o papel de sustentar as motivações que darão sequência à história que ele deseja escrever. Como evoca a crítica Sandra Jatahy Pesavento, a “metáfora do espelho [possibilitada pela estrutura circular do romance] é tomada sempre em relação à personagem de Floriano Cambará, na sua atitude de questionamento, contemplação, busca e distanciamento face à realidade” (2001: 170). Na sua figura especular, a imagem espelhada se configura como metáfora de si e do outro, seja Verissimo ou Floriano, os quais, como num espelho, obtêm imagens invertidas de si próprios, numa reflexão que acaba por remeter ao outro, à história, e a uma visão de mundo. A ideia do espelho evocada por Pesavento representa uma possibilidade de criação de um universo paralelo, duplo, mas ambivalente, porque a imagem nele reproduzida é apenas a aparência do ser que se contempla. Floriano ainda é aquele que, retornando a Santa Fé “para acabar de nascer” (Verissimo, 1962: 704), se volta para a história da família em busca de uma identidade que revele quem ele é, numa descoberta que se dá a partir das lembranças da história familiar guardadas por Maria Valéria, assim como na escrita empreendida.

Ao mesmo tempo, no entanto, se introduzem algumas possibilidades, porque o homem não está sozinho, mas em relação, de modo que outras identidades são desveladas, tanto em nível pessoal como na sua expressão temporal e histórica, ou social. Caso explícito dessa preocupação do escritor é a encenação da história dos não vistos, como os Caré, ou mesmo dos injustiçados ou incompreendidos, como Luzia Cambará. Valores como o da igualdade e o da liberdade atravessam não apenas discursos ou entrevistas em que o escritor se manifestava sobre o tema, sendo refigurados em personagens e circunstâncias que exploravam o assunto na ficção. Pode-se observar o relevo que Verissimo dá ao gesto de contar uma história que não a descrita nos livros escolares, compreendendo, desta vez, os esquecidos ou, como afirma o escritor:

Nunca é demais repetir que a História, tal como a estudamos em nossas escolas primárias e secundárias, não passa duma coleção de mitos fabricados de acordo com os interesses das classes dominantes com a finalidade de preparar cidadãos que amanhã possam aceitar sem crítica o regime político e econômico em que vivemos. Esses mitos, em última análise, tendem a glorificar o capitalismo, a Igreja, o Exército e a “moral oficial”. (...) Está claro que alguém algum dia tem de começar a contar direito toda essa história (ALEV 01i0047-[1956?]).

Essa história é a que, derradeiramente, se lê em *O Tempo e o Vento*, não apenas na análise aguda que Verissimo faz da burguesia, mas igualmente pela inclusão de personagens representativas de uma parcela usualmente esquecida da sociedade. O romance não apenas revela o seu modo de entender as relações sociais, como também coloca o ser humano, independentemente de sua posição, em primeiro plano. Nessa via, percebe-se ainda que o tratamento da exclusão, nas formas da loucura, da escravidão, no analfabetismo, ou ainda, nas que concretizam as normas e valores sociais, mostra-se como menos simples do que à primeira vista possa parecer. Isso acontece porque o escritor alia uma certa ambiguidade à dialética, colocando regras sociais lado a lado com questões inerentes ao ser humano, e deixando, mas nem sempre, à mostra o fato de que, por vezes, algumas dessas normas obnubilam ideais, contrariando o valor maior que um homem pode ter: o de ser homem.

A trama de *O Tempo e o Vento* é tecida a partir de símbolos que metaforizam aspectos ligados ao tempo, à história e à ideologia. Um deles, o punhal de prata, vai ao encontro de uma linha de pensamento que acompanha desde o padre Alonzo (dono “original” do punhal), homem culto e que representa a erudição espanhola nas Missões,

passando por Pedro Missioneiro (o homem mítico que dará início à família Terra Cambará), por Pedro Terra, homem simples, da “lida”, Bolívar, filho e homem de “poucas letras”, chegando às mãos de Licurgo Cambará, com quem ficará o punhal até que o entregue a Toríbio Cambará. O punhal segue sua trajetória com Toríbio, filho de Licurgo, a quem é dado o “presente” que ele guarda desde criança, quando se serve dele para “qualquer problema que possa haver” enquanto estão todos cercados no sobrado. O punhal passa das mãos de um pai para as do filho até ser herdado por Eduardo, sobrinho de Toríbio. Com tal mudança, o narrador marca ideologicamente a perspectiva do romance.

Eduardo, um dos três filhos de Rodrigo Cambará, personifica a luta marxista, o revolucionário dentro da família conservadora liderada por Rodrigo, comportamento com o qual confronta os ideais conservadores do pai, bem como evidencia os paradigmas políticos em evidência no período retratado, propiciando um terreno para discussões entre ele e Floriano, em que se desvelam os aspectos positivos e os negativos desse posicionamento. Parece ser em tal simbologia que Verissimo resume o modelo estrutural de seu romance, de modo que a questão da descendência, importante pela própria constituição da história, é personificada por Jango, o qual terá um filho de Sílvia, e os ideais da revolução são suscitados na figura do ativista Eduardo. Compondo a tríade, resta Floriano, a quem fica a tarefa de lidar com a escrita dessa história, materializando com isso o caráter emancipatório da obra, que propõe, a um só tempo, um cenário composto por contrastes, em que os juízos de valor ficam por conta do leitor, ao mesmo tempo em que, ao finalizar a leitura, surpreende-se o leitor com a necessidade de uma nova leitura – dessa vez revendo a escrita como elaboração das “memórias” que Floriano recebe da tia Maria Valéria.

Nessa escrita, Floriano vai-se utilizar de uma série de intertextos, assinalados por Zilberman e Bordini (2004), compostos tanto pelas cenas de leitura representadas no corpo do texto como daquelas feitas por Verissimo, nas quais se podem ressaltar a presença de Oscar Wilde, com *O Retrato de Dorian Gray*, bem como de citações de Blau Nunes, referindo Simões Lopes Neto, que é retratado ainda através da *Salamanca do Jarau* e da lenda do Negrinho do Pastoreio. Além desses, estão relacionados na trama Edmond

Rostand, com *O Chantecler*, e indiretamente Eça de Queirós, na personagem de Carlos da Maia, de *Os Maias*, e Marcel Proust, no que se refere à estrutura elaborada por Verissimo.

Enquanto Verissimo aglutina tempo e espaço em duzentos anos de história, projetando a memória como *leitmotiv* de uma escrita que enfoca o homem na sua condição de ser humano, Floriano delinea a trajetória épica da família através de episódios de lirismo e aventura, assim como de momentos de reflexão, em diálogos, cartas e diários com que alterna a narração. O narrador ficcional de *O Tempo e o Vento* escolhe para cada personagem uma ideologia que é retratada no desenrolar da narrativa, mas que se resume, de certa forma, aos seus próprios questionamentos. Tecendo a trama de modo ordenado e verossímil, a obra reconstrói uma memória que remete à história, assim como a eventos de importância pessoal. O narrador Floriano peca, no entanto, na solução de seus problemas sentimentais com Sílvia, a cunhada com quem deixou de se casar, por medo das consequências que uma atitude dessas traria em sua família. Podem-se discutir quais são os valores de Floriano, que tanto se preocupa com o caráter humano das relações. Será que a conversa que ele trava com o pai, quando este o recebe e reconhece nele um Cambará, homem que tem instintos e força interior, não fica diminuída por esse desfecho anticlimático? Por outro lado, a presença de formas variadas de narração, com a introdução de cartas, diários, jornais, bilhetes, utilizadas no romance, estariam relacionadas com a incapacidade de Floriano de se posicionar perante uma história? Ou a resposta se encontra justamente na impossibilidade de fazer um julgamento que respeite o leitor e a História, de modo geral, a tal ponto que não “opinar” significaria uma forma de respeito maior que deixasse o leitor livre para refletir sobre aquilo que melhor lhe aprouvesse?

Verissimo, no entanto, dilui as ambivalências empregadas para resolver o problema dos sentimentos entre Sílvia e Floriano, e entre este e Rodrigo Cambará. A compreensão do que significam para o escritor as soluções pacíficas empregadas no romance se encontram num discurso proferido a uma turma ginásial, em 1959, dois anos antes de publicar “O Arquipélago”, Nos originais desse documento, podem-se perceber claramente as motivações para as escolhas narrativas no romance. Diz o escritor:

No mundo capitalista em que vivemos o homem se transformou numa mercadoria, e o dinheiro e o lucro foram elevados à categoria de valores absolutos, ao passo que no mundo soviético, milhões de criaturas humanas, dominadas por uma minoria armada e implacável, estão reduzidas a meros

números nos arquivos dum Estado Totalitário. Tanto lá como cá o que o homem tem de mais belo e melhor foi esquecido e está aos poucos sendo destruído. O que devia ser um meio se transformou num fim. E tanto o capitalismo como o comunismo estão fazendo essa coisa absurda que é, segundo conhecido ditado, “jogar fora o bebê com a água do banho”.

(...) Os estadistas não nos perguntam se preferimos a vida à morte ou a paz à guerra. Não nos consultam: usam-nos. Sob o pretexto de nos protegerem, matam-nos. (...) Vocês se perguntarão: “Que é que nós temos com isso?” ou “que poderemos nós moças e moços recém-saídos dum curso ginásial ou pré-universitário fazer para melhorar o mundo e a vida?” Responderei que o homem ou a mulher que, com sua conduta pessoal nada tiver feito para aumentar o caos já terá contribuído com alguma coisa para a solução do problema. (...) Poderão também juntar e coordenar esforços no sentido de trazer alguma ordem à confusão, de dar a este nosso mundo frio e mecânico o elemento que mais lhe falta: o amor. (...) Podem sorrir. É natural que o som e o aspecto gráfico da palavra *amor* seja suspeito pelo que sugere de lírico, feminino e até pueril. (...) É preciso não ter medo de dizer as coisas. Na nossa era de violência, de agressões cegas, de inautênticos valores masculinos e de falsos tipos de coragem, o amor se tornou um nome feio. (...) É dessa coragem que nosso mundo necessita. (...) Esse amor de que lhes falo se chama também *solidariedade humana, bondade, compreensão, tolerância*. Só ele nos poderá dar decisão e clarividência para estabelecer no mundo a justiça social e a fraternidade.

(...) E quando, céticos ou desesperançados, vocês estiverem a ponto de perguntar a si mesmos: “Quem sou eu neste vasto universo?”, rogo-lhes que recordem o ditado chinês com que agora me despeço de vocês. “É preferível acender um toco de vela a ficar simplesmente maldizendo a escuridão” (ALEV 01j0080-1959).

O discurso é paradigmático no sentido de seu posicionamento como homem: Erico Verissimo explora nele não apenas ideais humanistas, mas explicita a sua escolha narrativa mostrando que, quando resolveu a situação de Sílvia e Floriano através da sublimação do amor carnal pela amizade e pelo respeito, materializava neles uma proposta que vinha ao encontro de um mundo de solidariedade, fraternidade, bondade e compreensão. Movido pelo horror de um esfacelamento mundial decorrente da Segunda Guerra Mundial, da penetração do totalitarismo e do fascismo como formas governamentais, dos bombardeios em Hiroxima e Nagasaki, além da guerra do Vietnam, Verissimo delinea não apenas o seu modo de ver o mundo, mas também permite compreender os gestos de Floriano com relação a uma história – que aponta inicialmente para Sílvia, mas se alia também ao modo como lida com a saga familiar dos Terra Cambará. A conversa definitiva que Floriano tem com o pai, Rodrigo Cambará, confirma este posicionamento, referindo que, quando se respeita a identidade de cada um, o amor fica incondicionado, porque se torna inteiro. Em *O Tempo e o Vento*, história e memória se unem para realçar a identidade inscrita no romance de Floriano, unindo a força telúrica de Ana Terra, o poder de reação de Bibiana,

o fascínio mórbido de Luzia¹, e a atemporalidade da tia Maria Valéria, espécie de vestal cuja (in)finitude se assenta num outro universo, ao papel de Sílvia, figura quase sagrada, interdita, que é quem vai gerar o último Terra Cambará.

Realçando o amor, a bondade e a compreensão – tomados como gestos ou características femininas, segundo menciona o escritor em seu discurso – Erico Verissimo faz, por outro lado, a denúncia do machismo. Segundo Tristão de Athayde, o romance *O Tempo e o Vento* obteve eco além-fronteiras devido ao tratamento dado ao mito do machismo, tema em voga a partir dos 60, no retrato de heróis “ao contrário”, como Floriano, Maria Valéria, Ana Terra, Bibiana ou, ainda, Luzia. Tais personagens propiciaram uma mudança no panorama da formação do Rio Grande do Sul, porque, ao negar a violência e a virilidade como aspectos conotativos de superioridade, fizeram uma opção pela palavra como meio de emancipação (Athayde, 1972: 97).

Por outro ângulo, o romance dialoga com personagens como o Capitão Rodrigo, com sua valentia, coragem e sedução, a que se une o seu duplo, na personagem do Dr. Rodrigo Cambará, igualmente mulherengo; médico refinado, educado, mas uma reedição às avessas de seu antepassado, em processo de fragmentação; Toríbio, com sua simplicidade rude e inteligente de homem do campo, tendo por pares, com as mesmas filiações à cultura rural, Babalo, o avô não belicoso e Licurgo, pai guerreiro. Por fim, se volta a Floriano, a quem cabe o papel de recuperar a identidade dos Terra Cambará. Na perspectiva de Floriano, a síntese do problema se acha numa conversa que trava com Terêncio Prates, ao qual, diante da intervenção deste, responde:

– Se nós os gaúchos jogamos fora os nossos mitos, que é que sobra?

Floriano olha para o estancieiro e diz tranquilamente:

– Sobra o Rio Grande, doutor. O Rio Grande sem máscara. O Rio Grande sem belas mentiras. O Rio Grande autêntico. Acho que à nossa coragem física de guerreiros devemos acrescentar a coragem moral de enfrentar a realidade. (...) A mim me impressiona muito menos uma carga de cavalaria dos Farrapos do que a coragem das mulheres desses guerreiros que ficaram em suas casas esperando os maridos, os filhos e os irmãos que tinham ido para a guerra. As mulheres que durante horas incontáveis de agonia ficaram ouvindo o uivar do vento no descampado e o lento arrastar-se do tempo. (...) Sem mulheres como a velha Ana Terra, a velha Bibiana e a velha Maria Valéria não existiria também o Rio Grande. Elas eram o chão firme que os heróis pisavam. A casa que os abrigava quando voltavam da guerra. O fogo que os aquecia. As mãos que lhes davam de comer e de beber. Elas eram o elemento vertical e permanente da raça (Verissimo, 1962: 863-864).

¹ Numa referência à *Salamanca do Jarau*, de Simões Lopes Neto, publicado em 1913.

A abjeção de Floriano à violência é evidente em vários trechos do romance, desde os momentos em que recusa a luta armada, assim como nas situações que o levam a confrontar-se, ou não, com seu pai, irmão ou cunhada. Tal recusa, porém, se faz definitiva como uma forma de arguição de um código ético em processo de fragmentação, que Floriano recupera, talvez na busca da celebração de um acordo entre o indivíduo e o outro, ou entre o pessoal e o social, entre tempo e história. A memória suscitada por Floriano vai privilegiar a história de uma família caracterizada tanto pelo caráter de primitividade de seus antepassados, num universo original centralizado pela casa onde vivem os Terra, bem como pela sua ascensão, como fundadores de uma vila chamada Santa Fé, onde será gerada toda a sua descendência. É na figura de Rodrigo Cambará que se concentra a ideia de apogeu: mas o médico ilustrado e rico, reconhecido pela sociedade santa-fezense como “o doutor”, não consegue fugir de uma queda que, de certa maneira, metaforiza a fragmentação de uma sociedade “moderna”. Embora conquiste bens e poder, as relações sociais que se instauram a partir de 1940 em Santa Fé se inclinam para a valorização de aspectos superficiais das relações humanas, como a riqueza, em detrimento do homem. Com isso, desconstrói o pronto e instaura um repensar através da inclusão de personagens que, ironicamente, constituem a gênese e o fim do romance. É na figura dos filhos do Dr. Rodrigo Cambará que se possibilitará repensar ambas as histórias, ficcional e histórica. Floriano, Jango e Eduardo complexificam a trama narrada, criando um contraponto ideológico para a dispersão espacial contida na ideia de arquipélago.

Floriano, como escritor da história da família Terra Cambará, recupera não apenas a trajetória do clã, mas fornece subsídios para um entendimento da formação do estado do Rio Grande do Sul, bem como aponta para questões que ligam a identidade desse narrador à identidade de uma sociedade em processo de fragmentação. Na visão humanista do *alter ego* de Verissimo, se inscreve igualmente um posicionamento perante questões como a do homem do campo, representado por Jango, irmão de Floriano, a personagem a quem se destina a tarefa de perenizar a tradição da terra, inclusive no que se refere à descendência. E numa via mais política, pode-se visualizar Eduardo, o revolucionário que lutará contra o poder instituído e a falta de liberdade e igualdade.

Com a definição ideológica e psicológica dos três irmãos, o romance alcança o seu fim, sugerindo, em primeiro lugar, que a leitura da fixação de um passado por uma escrita está sempre ligada àquele que instaura esse passado, pois as inquietações que guiam o seu olhar se situam sempre na temporalidade da leitura. Nesse caso, a primeira impressão que se tem do romance parte de um narrador onisciente que não se identifica – e isto propõe uma leitura para determinados aspectos do romance, mas não para outros, como, por exemplo, o de um ponto de vista determinado para a narrativa. Quando se fica sabendo que a elaboração do romance é feita por Floriano, toda a leitura fica em suspenso, pois, a partir de então, ela é perpassada pela posição que a personagem ocupa no enredo, com suas características pessoais, culturais e ideológicas. As dúvidas que possui e que aparecem no correr da história são suscitadas nessa releitura, além do modo como Floriano consegue lidar com realidades tão distantes e diferentes como as dos Terra, em 1745, e as dos Cambarás, em 1945, passando de um universo mítico baseado na oralidade para um universo onde a escrita e outros avanços tecnológicos estão presentes, mas não ajudam a impedir o processo de fragmentação e declínio da família – metáfora de toda uma sociedade. Por tal razão, talvez a escrita da memória seja a única solução para a preservação de uma história que se esfacela: mesmo Floriano, diante de seu amor, Sílvia, assim como diante de seu pai, Rodrigo, parece imobilizado pela ação de um tempo que dissolve a história e a própria *persona*.

As tradições que marcam a história do homem gaúcho são questionadas quando ocorre a desagregação, que não é apenas de uma família, mas de toda a história da formação do gaúcho, desmitificada no que concerne ao caráter de bravura, honradez e heroísmo do homem sul-rio-grandense. O gaúcho aparece como um homem comum, não mais como o herói de que é exemplo o capitão Rodrigo, personagem que pontifica numa Santa Fé ainda não formada. Floriano também figura como um outro diante da memória que pretende reconstituir. O escritor passa a ser o leitor/codificador das lembranças guardadas por Maria Valéria, e que acabam por se transformar em experiência própria, na medida em que, para que esta se materialize como escrita, Floriano precisa ler os sinais que constituem essa memória formada por diários, cartas, roupas, objetos de uso pessoal, e preencher as lacunas que essa materialidade não completa. Não é à toa que se afirma que a memória é

incapaz de restaurar o passado em sua totalidade e pureza – a recordação evocada, ou a que se constrói é sempre falsificada, pois corresponde a uma reelaboração.

Romance dentro do romance, *O Tempo e o Vento* assinala a prioridade das personagens – donas da memória – em relação à história, pano de fundo para os grandes acontecimentos, e a presença de um potencial de subjetividade gerador das ações, como bases motivadoras do desenrolar da obra. A medida do heroísmo de suas personagens não reside, pois, nas aventuras a que se sujeitam, mas na aproximação entre elas, nas relações que expressam seus valores, idiossincrasias, expectativas e frustrações, de modo a evidenciar o que de mais humano existe no homem. Dessa forma, as personagens não são sempre más, ou boas; é no âmbito da relação que se vão definindo as suas particularidades. Tal conjuntura é o que parece, por fim, definir a coordenada que fixa o humanismo de Verissimo em sua obra e em sua vida. Por serem projeções dessa concepção humanista, os destinos de suas criaturas, como gostava de referir-se a elas, correm de modo paralelo, preservando as suas identidades. Homens como o Capitão Rodrigo, Floriano, Jango ou Eduardo são personagens do presente; e mulheres como Ana Terra, Bibiana, Flora ou Maria Valéria constituem, de certo modo, a representação de uma força de preservação, a quem cabe o destino e a continuidade, para um universo que olha para o futuro. Os embates a que se submetem as personagens de *O Tempo e o Vento* acabam, de certo modo, por refletir os fundamentos do próprio romance, numa dialética em que vida e morte se fundem com as especificidades de cada um dos seres que habitam esse universo. Os destinos das personagens são acompanhados pela complexa teia que define as identidades de cada uma, as quais remetem, num processo de verossimilhança, à identidade de cada leitor, de cada sujeito que, diante da vida inscrita no papel, vê a si próprio transfigurado.

Floriano, um escritor que recusa tanto a continuidade do coronelismo quanto o engajamento político e a ortodoxia comunista, é o foco gerador de toda uma releitura que se estabelece igualmente ao nível do texto, porque ele parte do histórico para se transfigurar em memorialista. Mas essa memória é o elemento transformador que o orienta em direção a sua própria identidade. Embora inicialmente Floriano não pareça questionar a realidade, a escrita desse romance a partir dos objetos guardados por Maria Valéria e a curiosidade

acerca das lacunas que preenchiam as histórias daqueles objetos fazem com que os seus gestos se invistam de uma autenticidade: na procura de si e de cada uma de suas criaturas.

De fato, as questões impostas a Floriano, na criação de *O Tempo e o Vento*, dizem respeito a um processo de reelaboração da história em um tempo que aponta para múltiplas possibilidades. Fascinado pela possibilidade de recriar um universo a partir das suas próprias expectativas, “pelo efeito convincente e sedutor da representação que se coloca, com vantagem, no lugar da coisa representada, Floriano chega a se indagar sobre esta sua ‘preferência’, consciente do perigo que o espelhismo representava para a sua literatura e para a sua vida” (Pesavento, 2001: 177). Tal perspectiva diz respeito não apenas à linguagem e à escrita do romance, refletindo as observações feitas por Floriano do espetáculo que se apresenta ao seu redor, mas se orienta igualmente para as ideologias das personagens, para o processo de fragmentação da família, e para o desenvolvimento dos processos tecnológicos, culturais e da sociedade como um todo. As reflexões de Floriano revelam “o peso das construções imaginárias que conformam o real, fazendo o sujeito ver e agir de uma determinada forma” (id, ibid.). Isso acontece porque, de certo modo, todas as questões tratadas no romance encontram um “outro à sua imagem” no cotidiano real, duplicando-se esteticamente no texto ficcional, sem deixar de se fazer presente num imaginário que atravessa o local e chega ao universal.

Aliada a esses fatores, a construção dessa outra “Troia”, como desejava Erico Verissimo, remonta igualmente à tensão gerada pela palavra, porque institui ao nível do signo uma verdade. Mesmo Floriano admite que a linguagem não é apenas um veículo para a expressão do pensamento, porque na verdade acaba por se tornar um modo de determinar o caráter dessa realidade (Verissimo, 1962: 861). Nesse sentido, tanto a lendária Troia quanto a imaginária Santa Fé podem ser consideradas construções literárias cujo cerne centra-se na recuperação de um passado primordial, mesmo que metafórico, e na elaboração de seus fatores, de modo que alguns desses aspetos se multipliquem num presente fictício que remete à busca pelo real e histórico. Se Troia emerge de sucessivas camadas de construções superpostas, próximas à antiga Pérgamo, assim também Santa Fé se constrói sobre as sucessivas gerações da família Terra Cambará, fruto de uma ruptura com o universo mítico originado da união entre Ana Terra e Pedro Missioneiro. Trata-se

da narrativa na qual a unidade original do continente se dispersa, revelando as múltiplas facetas de uma história, bem como a sua degradação. Ainda assim, é através dessa separação que as ilhas do arquipélago podem ser novamente reunidas, mas, desta vez, através de uma escrita que as une simbolicamente.

Desdobrando-se em muitas direções, Floriano articula na escrita do romance a busca de si, de sua família e do espaço geográfico onde se encontram tais sujeitos, buscando, por outro lado, o reflexo dessas identidades no âmbito do universal. Nos múltiplos reflexos gerados, Floriano busca no seu traçado o perfil desses sujeitos – as suas identidades perdidas no tempo. Na distância temporal entre a ação retratada e o discurso instaurado por Floriano, o escritor ficcional percebe que a empatia e o respeito apenas não o farão compreender o indivíduo que busca retratar, e que será necessário um olhar agudo para diferenciar os pequenos sinais que subjazem a cada pertence encontrado no baú de Maria Valéria. É esse olhar que permitirá a redescoberta do indivíduo e do grupo, do regional e da nação.

A trajetória de Floriano fornece subsídios para que se perceba um olhar que se insinua sobre a memória materializada no romance. A escrita, por outro lado, pelo seu caráter de instauração de sentidos, constitui uma versão do mundo como o seu autor o vê. No olhar de Floriano, a escrita remete-o para um encontro propiciado pela imagem do espelho, esboçando-se em nível estrutural, na divisão do romance em dois, antes e depois do *retrato* de Rodrigo Cambará, mas atingindo sua expressão máxima ao propor uma releitura do próprio romance. Se a primeira leitura se faz a partir de um enfoque histórico, num segundo momento se dá o encontro com esse homem, que, por detrás do espelho, parece afirmar: estou onde está a memória. Floriano faz perceber que o encontro consigo mesmo só é possível na medida em que o Outro é colocado no mesmo paradigma. Por isso, a construção dessa memória refere *a priori* um outro – ela mesma constitui uma parcela do sujeito que pode ser vista como uma espécie de alteridade dentro da noção de identidade. Não deixando de remeter ao sujeito, no entanto, também não o constitui na sua inteireza, de modo que, cada linha escrita por Floriano reforça a importância da narrativa como elemento mediador entre o sujeito e a sua subjetividade, e em relação ao outro. Como na metáfora do espelho, a história recomposta por Floriano vai pouco a pouco se tornando mais nítida. A ela se acrescentam detalhes mais minuciosos, evidenciando a frágil

delimitação de fronteiras, que ora pendem para a história, ora para a literatura, num conjunto de palavras que permite, derradeiramente, que se encontrem imagem refletida e homem, e um possa enfim dizer ao outro quem é. Ou, como confessa Erico, em um de seus depoimentos, *O Tempo e o Vento* não foi apenas uma forma de fazer a “história ser mais bela do que a mitologia” apresentada pelos livros de história, ou uma “tentativa de conhecer melhor” o estado do Rio Grande do Sul e suas gentes, mas também uma forma de buscar o “lar perdido” (ALEV, 01i0991-1970).

TRABALHOS CITADOS

ALEV 01i0047-[1956?] – Trecho de texto intitulado “A história, essa fábula”, de Erico Verissimo, em que o autor discute o modo como a história é apresentada nos compêndios escolares, e defende a ideia de que os acontecimentos históricos deveriam ser narrados com mais verdade e naturalidade. Classe Originais.

ALEV 01j0080-1959 – Discurso a turma de formandos, intitulado “Acendamos nossos tocos de velas”. Classe Originais.

ALEV 01i0991-1970 – Depoimento de Erico Verissimo em que analisa alguns eventos marcantes de sua vida e elementos que caracterizam sua obra literária. Classe Originais.

ALEV 03a0911-1937 – Artigo de Erico Verissimo publicado na *Revista do Globo*, de Porto Alegre, em 16 de janeiro de 1937, em que explica a metáfora do Frankenstein, com que compara o processo de elaboração de um romance. Classe Publicações na Imprensa.

ALEV 04a0049-sd – Arquivo de notas contendo registros de resenhas e citações sobre Linguagem, Mito e Símbolo, Filosofia (principalmente sobre o existencialismo), Sociedade, Homem, Liberdade, Romance e América Latina. Classe Esboços e Notas.

ATHAYDE, Tristão de. Erico Verissimo e o antimachismo. In: CHAVES, Flavio Loureiro (Org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972. p. 86-102.

BOOTH, Wayne. *The rhetoric of fiction*. Chicago: University of Chicago, 1961.

BORDINI, Maria da Glória. *Criação literária em Erico Verissimo*. Porto Alegre: L&PM; EDIPUCRS, 1995.

BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina. *O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

HELENA, Lucia. Figuração e questionamento da nação em *O tempo e o vento*. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias*, Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, v.2, n. 3, nov. 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. *Érico Veríssimo: o romance da história*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento: O arquipélago*. São Paulo: Globo, 1962.

VERISSIMO, Erico. *O resto é silêncio*. Porto Alegre: Globo, 1976.

VERISSIMO, Erico. Entrevistas. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). *A liberdade de escrever*. Apresentação de Luis Fernando Verissimo. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS; EDIPUCRS; Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1997.

VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta*. Porto Alegre: Globo, 1973. v.1.

ZILBERMAN, Regina. “Saga familiar e história política”. In: GONÇALVES, Robson Pereira (Org.). *O tempo e o vento: 50 anos*. Santa Maria: UFSM; Bauru, SP: EDUSC, 2000.

ZILBERMAN, Regina. O romance histórico. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.) *Lukács e a literatura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

Ana Leticia Fauri é doutora em Estudos Portugueses e Brasileiros, pela Brown University, de Providence, RI, EUA, e em Letras/Teoria Literária, pela PUCRS de Porto Alegre, Brasil. Professora convidada nos programas acadêmicos luso-americanos Study in Portugal Network (FLAD), e UMass in Lisbon/API, em Lisboa, Portugal, atua hoje como professora assistente na Universidade de Notre Dame, situada perto de South Bend, IN, EUA. Seus principais interesses concentram-se nas áreas de literaturas lusófonas, teoria e crítica literária, especialmente nas discussões ligados à identidade, ideologia e memória literária, e o papel do arquivo na leitura de textos históricos e de ficção. Faz parte do grupo de investigadores do CLEPUL, iniciou a organização do acervo do historiador brasileiro Thomas Skidmore e o do escritor Luís Fernando Verissimo, e integrou o grupo de pesquisa do Acervo Literário de Erico Verissimo, entre 1996 a 2006. Prepara neste momento a edição da sua segunda tese de doutorado, sobre a influência da censura e da repressão na produção literária portuguesa durante o Estado Novo.